EALRO 301

LUX JORNAL RECORTES LIDA CUC. BELO HORIZONTE UNDA SEÇÃO



Indios dançam no encerramento do encontro nacional de nações indígenas

Nós fomos ver o que os nossos índios pensam

Texto: Marco Otávio TEODORO Fotos: Josemar GONÇALVES

eto Guedes que me desculpe o plágio mas não existe uma outra maneira de me mas intenso convívio com os índios brasileiros em Altamira. O índio deiyou a clandestinidade do mato e foi para o centro urbano conquistar o mundo com palavras ditas em língua que não é a sua. Falou em português e falou em inglês, se fez entender e assim reagiu contra tudo e todos que querem não só dizimar os índios mas a vida. O índio e a natureza são coirmās, a natureza e a vida são parentes. O índio é o guardião da vida e, justamente porque a vê ameaçada, ele está gritando por socorro, está formando exército para defender de alguns o que é do interesse de todos.

O exército que Aílton Krenak e Marcos Terena, dois índios aculturados, inteligentes e que estão no asfalto atrás de gente branca que seja boa, simplesmente boa, não é um exército que carrega no seu espírito a morte, mas é um exército que sublima a vida. O argumento não é fogo com fogo, mas a lógica. A idéia não é sair por aí dizendo não, mas semeando uma energia inversa à que vem orientando o branco até agora.

Quando a índia Tuíra, durante o I Encontro das Nações Indígenas no Xingu, passou o facão no rosto do diretor da Eletronorte, muitos pensaram que os índios iriam guerrear à moda antiga. Fizeram ouvido mouco às explicações do grande cacique Paiacă que aquilo era um deboche, uma desfeita, (na verdade se fosse intenção de Tuíra, uma guerreira, decepar a cabeca do diretor da Eletronorte, ela o teria feito de uma só vez, sem rodeios. O índio não é de meias palavras. Por exemplo: se ele decide quebrar um bar, ele, na hora, não realinha posição e quebra só metade do

Eles estavam pintados de preto sim, cor de guerra, mas isso não quer dizer que eles vão descer a borduna em todo mundo. Não vão esticar seus arcos e atirar suas flechas contra as armas brasileiras, japonesas e americanas. Nem mesmo a palavra de Raoni, o mais velho (e idade tem peso) dos caciques, é o pensamento da maioria: "Se o presidente Sarney insistir em fazer a usina, vamos fazer guerra contra ele"

A arma, única e poderosa, é a inteligência. A inteligência privilegiada de Ailton Krenak, sua visão, seus conhecimentos, a disposição do seu parente Marcos Terena e seu completo entrosamento com os brancos, conquistaram os caciques que têm plena confiança nesses jovens índios para que eles resolvam o aflitivo problema da convivência harmoniosa entre índios-brancos e natureza.

Melhor prova que Ailton Krenak, Marcos e Jorge Terena terão sucesso na difícil empreitada que abraçaram foi o resultado do I Encontro das Nações Indígenas no Xingu. Eles passaram pela prova de fogo. 200 jornalistas do mundo inteiro foram parar na distante e esquecida (segundo seus próprios habitantes) Altamira. Altamira é a mais próxima cidade da aldeia dos índios Caiapós, que foram os organizadores do encontro. Paiaca, o



O cacique Raoni, a deputada Benedita da Silva, Tadeu França e Paigram, no ato final do encontro indígena

cacique dos Caiapós, é aculturado e recentemente fez uma viagem à Europa onde falou, foi ouvido e abriu a primeira fenda no dique que impedia o diálogo entre a ecologia e o mundo civilização. Paiacã foi impecável no seu papel e as 38 tribos indígenas que se fizeram representar no Encontro de Altamira foram verdadeiros diplomatas.

Altamira está a 461 quilômetros ao norte de Belém. Não se chega por terra (seria uma outra aventura), mas pelo ar, em vôos diários da Taba -Transportes Aéreos da Bacia Amazônica, e pela Vasp que tem dois vôos semanais. Pela Vasp é jato, pela Taba é Bandeirante. A Taba de repente conseguiu uma importância que não tinha. Deputados, reconhecidos jornalistas, artistas como Lucélia Santos, gringos de todos os tipos, disputando, no seu modesto balcão, a gritos e tráfego de influência um lugarzinho no seu sufocante vôo - de Belém do Pará até Altamira é uma hora e vinte de minutos de calor, barulho e dormência nas pernas. Mas tudo bem, o pior é em Altamira. Hotel só um, o Alta Palace Hotel. Tem outro dois, mas piores que o Alta, que não sofreu classificação nenhuma. Como era muita gente, mais de 1.000 visitantes de uma hora para outra, tinha gente dormindo no chão. Para ajudar a resolver o problema, fecharam os motéis à rotatividade e fizeram deles respeitáveis hotéis. As atendentes ficaram como peixe fora d'água. O Kiss Me Motel hospedou várias equipes de televisão estrangeira. Alimentar aquele povão todo também se tornou uma dificuldade. Nenhum restaurante entregava uma refeição com menos de hora e meia. E, por incrível que pareça, apesar de estarmos na beiradinha do rio Xingu, não tinha peixe. Tinha camarão, mas não tinha



O cacique Raoni fazendo um discurso

peixe. Mas mais uma vez isso também não era empecilho para os ideais de quem estava ali. Só uma coisinha derrubou muita gente: diarréia. Daquelas desenfreadas. Dizem que era a água. Aqueles que não bebiam água não sofreram nada.

Esse panorama de dificuldades é só para mostrar que nada foi obstáculo para que o mundo inteiro se interessasse pela reunião dos índios. Corressem todos até Altamira para

Só não acredito que tenha havido bem uma compreensão dos objetivos. Fechou-se muito o cerco em cima da usina de Karaô que a Eletronorte está querendo fazer no Rio Xingu, junto com outras três que formarão o complexo hidrelétrico do Xingu e inundará muita mata, muita terra e gente se não correr pro alto. Mas Ailton Krenak não conseguiu o maior encontro indígena em 500 anos só para combater uma hidrelétrica. Não houve um consenso de tribos inimigas (como o são os Caiapós e os Xavantes e outras) que dormiram no mesmo espaço em paz, só para um levante contra a Eletronorte. Muito menos se reuniu tanto índio de uma vez só para dar chance a Sting de chegar e armar tremendo circo, depois de conquistar Raoni com "miçangas".

Não, mil vezes não, repetiriam os índios, se nós, os brancos, pensássemos que eles estão pensando em tão pouco. O horizonte é planetário, podem crer. A UNI — União das Nações Indígenas existe para discutir assuntos sérios e abrangentes, inclusive usinas hidrelétricas. No Cedi — Centro Ecumênico de Documentos e Informações, onde vêm se reunindo Marcos Terena e Ailton Krenak, depois do Encontro de Altamira, estão documentos, mapas, cartas e mil ofertas de ajuda. Nada será desprezado, tudo está sendo avaliado e os passos será dados na hora certa e com precisão. O governo não serão marginalizado, os políticos serão ouvidos como foram até agora, mas as decisões se-

rão unilaterais. Ailton Krenak, Marcos e Jorge Terena não deixaram a floresta com espírito aventureiro. Eles não trocaram a sua identidade simplesmente para se vestirem como os brancos. Eles deixaram seus valores tão espiritualistas pela selva de pedra em que vivemos para que outros índios não precisem deixar a floresta. Eles se capacitaram para discutir, ganharam a confiança dos seus parentes, se legitimaram como seus representantes e vão lutar até o fim contra a ignorância nossa de cada dia. Seus argumentos são simples. Quando um pajé determina que está na hora de mudar a maloca de lugar, é porque aquele chão está cansado. É hora de ir para outro lugar, mas não sem semear aquele que estão deixando, para no futuro, voltarem para ele, enquanto outros estarão novamente se reconstituindo. Os índios estão aqui há mais de 500 anos, a sabedoria deles não pode ser desprezada. Da mesma forma que não vão desprezar a moto-serra, o trator, o laser, mas a aplicação destas tecnologias estão carecendo de fundamento. A terra é a mesma e as suas necessidades são as mesmas. Não adianta o homem saracotear em cima dela, querer se sobrepor a ela e à natureza que ele estará, ridiculamente, cometendo suicídio. O índio está aparecendo hoje, como um terapeuta que quer impedir o nosso

suicídio. Não é utopia. Quem vê Ailton Krenak falar dos seus planos e quem já teve chance de acompanhar um pouco do trabalho que ele e seus amigos vêm fazendo, sabem que a sua idéia de reunir os 8 grandes (os oito. presidentes dos maiores países do mundo) não é história de carochinha. E meta, Sting é só um paliativo. Eles acreditam muito mais numa ajuda de Milton Nascimento, que consideram amigo, do que em qualquer outro artista. E eles vão trabalhar com Milton Nascimento, um trabalho de longo prazo, com resultados múltiplos. E dentro da área de atuação do artista: a música. Os índios cantam e dançam para tudo e será por aí. Tem antropólogos, engenheiros, cientistas, tem muita gente conversando e planejando, o Encontro de Altamira não será um ponto final, mas uma vírgula na causa indígena.

Hoje fica engraçado lembrar aquele bando de jornalistas, agitandose no Centro Comunitário de Altamira feito formigas de formigueiro mexido. E aquelas mulheres gringas, jornalistas, pintados pelas índias Caiapós sem saber que a pintura levava alguns dias para sair. Foram jornalistas que cumpriram a sua missão de informar o que estava se passando. Mas poucos, ou quase nenhum se preocupou em sentar e perguntar: e

De qualquer forma a análise do Cedi e da UNI é que foi ótimo. O mundo acordou para eles. E todos os jornalistas que lá estiveram ficaram dos índios. À noite, no bar e restaurante Chapéu de Palha, no cais do Xingu, onde todos os jornalistas se encontravam, a conversa era sobre o índio: seu comportamento, seus sonhos, suas metáforas, seus conhecimentos. Criou-se um amor pelos índios. Apesar do índio existir no Brasil muito antes da gente, nós estávamos afastados deles. Em Altamira mesmo nunca se tinha visto um índio. A população todos os dias do Encontro frequentou o Centro Comunitário curiosa em ver os índios, conversar com eles. Pais levavam criancinha. Moças virgens de repente estavam sonhando com os belos xavantes. O próprio Krenak, que foi chamado pelo escritor Marcelo Paiva, que estava lá, e todos os dias mandava uma crônica para o jornal "Folha de São Paulo", de Îndio Gato, porque fazia suspirar as jornalistas e as mocinhas da cidade. Mas antes que o leitor mais ousado já comece a imaginar coisa, os índios não estavam soltos em Altamira. Terminado o Encontro eles iam para a prelazia da Bethânia, afastada da cidade, onde fizeram uma aldeia. A imprensa teve acesso a prelazia, mas em horários preestabelecidos. E foi lá que pôde ver e sentir de perto a vida indígena. Suas palhoças, a alimentação, costumes, cantos e danças. Durante todo o Encontro os Índios dançaram a dança do milho e todos acharam que isso era uma coisa muito urbana: "dança-do-milho". Mas é porque, desde o plantio do milho, até sua colheita, todos os dias ao amanhecer e ao alvorecer, eles daçam a dançado-milho para que ele cresça saudável e grande.

O índio parece que só tem beleza para falar. Apesar da gente saber muito bem que sua vida hoje não é uma beleza. Se vê uma criança índia, como as que estavam na prelazia da Bethânia, fica imediatamente encantado pela robustez — não são gordos de maizena, nada disso, são fortes e pela beleza. Quando pintados pelas mães, principalmente com cores azuis, são mais bonitos ainda. Mas falando, descompromissadamente, em conversa informal no acampamento, ele associa tudo à natureza. Como quando do encerramento do Encontro, Ailton Krenak viu no céu um arco-íris e disse: "É a natureza nos beijando porque o nosso Encontro correu sem nenhum acidente e só gerou energia boa"

Se a cumplicidade que Ailton Krenak tem com a natureza lhe dá o direito de interpretar a natureza nas suas ações, certamente lhe dá o direito de também nos dizer das aspiracões da natureza e confirmar quer o índio tem amor pela natureza e tem amor por tudo que cobre a terra. E por amor quer curar a cegueira dos governantes que não avaliaram que estão enterrando em fossa funda os principais valores desse planeta. E amor de índio é inquestionável, é pu-